

MAIS QUE UMA FEIRA: os caminhos percorridos para a execução do projeto “Odeio essa Feira”

ISABELLA VERISSIMO MARTINS SILVA¹; HELENE GOMES SACCO²

¹Universidade Federal de Pelotas – isabellav51@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – sacco.h@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente texto apresenta o projeto criado pelo Coletivo Mancha, composto por alunos de graduação em Artes Visuais, Licenciatura e Bacharelado do CA da UFPEL. Abordarei alguns aspectos da realização deste evento que chamamos de “Odeio essa Feira”. Como participante do projeto unificado com Ênfase em Extensão o *Espaço Dobra: coleção de múltiplos e publicações artísticas*, coordenado pela Profa. Dra. Helene Gomes Sacco, nos interessa pensar a feira para além de um evento, sua realização como uma forma entre tantas outras formas artísticas expositivas. Compreendemos as feiras como um acontecimento de arte que reúne diversas formas e meios de produção, que além do aspecto de ser espaço de encontro para vendas e trocas simbólicas, é um evento artístico expositivo em si mesmo, que reúne inúmeras providências neste sentido. Da mesma forma, por sua riqueza de produções e diversidade de meios, uma feira artística se torna uma potência enquanto espaço de formação. As feiras que estamos realizando, têm se consolidado como um importante espaço de circulação cultural e artística, com o objetivo de alavancar e legitimar os artistas estudantes, dar visibilidade ao debate sobre a arte impressa e unir não somente discentes dos vários cursos que compõem o centro de artes, mas também se aproximar da comunidade externa.

O nome Odeio essa Feira, veio de um outro projeto a “Odeio Desenho” que o nome em si, partia do fato de não nos encaixarmos na ideia de “dom” que vem do senso comum, de artista como gênio do desenho clássico. Nós adoramos desenho, entre outras tantas coisas mais e o que fazemos parte de questões para além da técnica, nos frustrava como artistas essa perspectiva. Então a “Odeio Desenho” veio para nos livrarmos dessas expectativas, que nós mesmos também colocávamos em nós, propondo um espaço aberto à experimentação de outras coisas, a trocas e na construção conjunta de artistas, com esse mesmo pensamento que levamos o nome “Odeio” para as feiras. A “Odeio essa Feira” foi projetada com o objetivo de gerar renda extra aos estudantes após a Pandemia, mas que também desejavam estar mais inseridos dentro da rede artística, convivendo e divulgando seu trabalho. Fazendo trocas de técnicas artísticas e/ou conhecendo pessoas que produzem na mesma área e que não se limita somente às pessoas de salas de aula, onde o contexto e o objetivo são outros. Vimos que a feira pode gerar um espaço específico para encontro e debate de temas que surgem de nossas experiências artísticas. Dessa forma vemos que Freire (2019) defende que o aprendizado significativo ocorre quando os sujeitos se tornam agentes ativos de sua própria formação criando espaços de autonomia e diálogo - como procuramos fazer neste projeto.

O objetivo deste trabalho é relatar a experiência de organização e alcance da feira: “Odeio essa Feira”, realizadas no Centro de Artes, destacando seus processos, desafios e impactos, tanto na formação cultural regional e dos

envolvidos, quanto para o fortalecimento da cultura da arte impressa no espaço universitário de Pelotas.

2. METODOLOGIA

A realização das edições da “Odeio essa Feira”, foi organizada de forma colaborativa entre os membros do Coletivo Mancha, que são estudantes dos cursos de Artes Visuais/UFPEL. O projeto conta com o apoio de docentes, o Pet-Artes Visuais, na qual alguns membros do coletivo fazem parte, e o núcleo administrativo do Centro de Artes. A ideia de uma organização horizontal e participativa remete ao conceito de “adocracia”, defendido por Luck (2000), que propõe estruturas flexíveis, colaborativas e baseadas na construção conjunta do conhecimento e da ação. Para a escrita deste resumo abordamos a metodologia qualitativa e Cartográfica à qual vai coletando das ações, vivências e acontecimentos uma série de elementos para serem analisados e discutidos com aporte de referências.

O processo envolveu inicialmente reuniões de planejamento do coletivo, com a decisão de design e formas de divulgação, decisão de data, qual espaço no CA (Centro de Artes), quantidade de artistas expositores e quais e a quantidade de equipamentos, como mesas, cadeiras, som e extensões.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

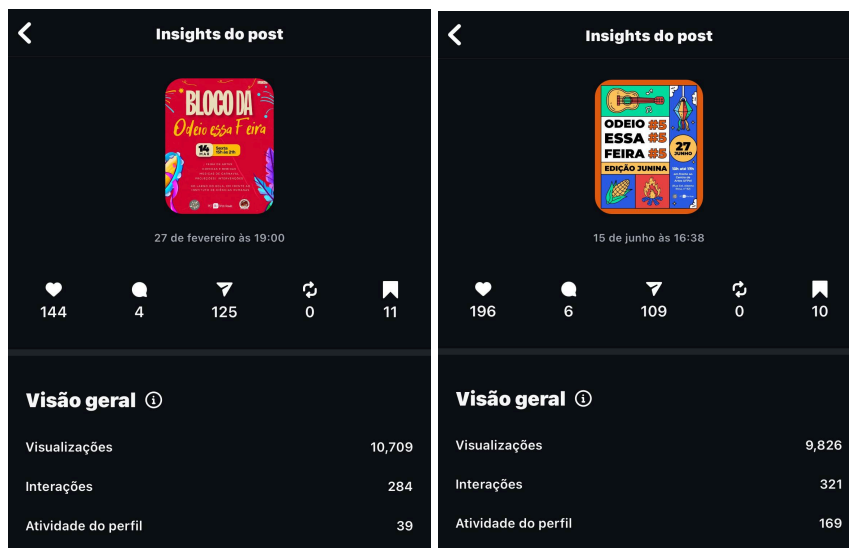


Fonte: Arquivo do Coletivo Mancha. 2025

Os integrantes do Coletivo Mancha atuaram como organizadores, expositores e mediadores, realizando o design dos cartazes de cada edição da feira. Isso significa que pensamos o público alvo, procuramos abordar um recorte curatorial que seja diverso, inclusivo e que contemple diferentes momentos formativos dos estudantes e artistas da comunidade. A convocatória já direciona com a divulgação inicial nas redes sociais, tornando acessível o formulário de inscrição para os expositores. Realizamos um processo de seleção dos artista, e já em seguida vamos em busca das mesas entrando em contato com os docentes ou com o núcleo administrativo do CA (Centro de Artes) para também realizar o agendamento de som ou algum equipamento tecnológico que também é feito através do Pet - Artes Visuais. É sempre um desafio a construção deste

espaço-feira, as providências são das mais diversas, nem sempre as mesmas, pois dependem do local de realização. Já realizamos edições internas e externas.

Até o momento foram realizadas 5 edições da feira envolvendo cerca de 20 expositores rotativos limitados em cada uma. O público visitante estimado é em média de 100 pessoas por edição, mas normalmente ultrapassa.



Fonte: Instagram do Coletivo Mancha. Acesso: 27/Agosto/2025

O alcance da divulgação nas redes sociais já chegou a 9,824 visualizações em post individual, alcançando em média de 150 likes nos posts de divulgação, com os formulários chegando a mais de 30 inscrições. As seleções dos expositores a partir da terceira edição foram distribuídas por cotas, sendo 15% para LGBTQIAPN +, 15% PCD/TEA, 30% Pretos, Pardos e Indígenas, e 40% Ampla Concorrência, para assim conseguir mais diversidade e rotatividade dos expositores. Os trabalhos expostos incluíram, zines, gravuras, cartazes, publicações autorais, adesivos e também trabalhos manuais como cerâmicas, destacando a diversidade de trabalhos e linguagens exploradas pelos artistas, como abordado para Melim (Apud Ferrari 2023), “as características específicas da arte impressa contemporânea, além de criarem uma forma de circulação, também interferem no modo de exposição, pois não há necessidade de paredes para a visualização das obras”.

Procuramos pensar a constituição deste espaço como uma prática artística em si, que não só abre espaço para a apresentação e comercialização das produções como também fomenta uma cena artística e pode da mesma forma ser pensada como espaço de formação:

Hoje é dia de feira, e numa feira se expõe, se vende, se compra e se troca também. Nela se experimenta a ponta extrema de uma linha que inicia numa boa ideia, e que não basta ser criada, editada, também precisa ser apresentada publicamente para chegar nas mãos do público, circular, vender, ter lucro também. Pois o artista também come, paga aluguel, conta de luz... Hoje é dia de feira e ela é muito importante para os artistas-feirantes, mas ela é fundamental como espaço de encontro de arte, para fomento de um circuito que não existe se não nos dedicarmos a ele, tornando-o possível. Ela não é só dos feirantes, ela é do público que visita, pega os trabalhos com as mãos, conversa, ouve música, troca uma ideia, troca trabalhos, aprende soluções que são poéticas, estéticas,

editoriais, econômicas, de formas expositivas, formas comunicativas, formas cooperativas, formas coletivas e individuais. (SACCO, 2025)



Fonte: Arquivo pessoal.2025

Dessa forma, observamos que os impactos foram múltiplos. Do ponto de vista acadêmico, os alunos puderam vivenciar etapas de produção, organização, desenvolver a oratória e vivenciar etapas de seus trabalhos em um contexto real, fortalecendo competências de gestão, comunicação e design. Já na dimensão social, as feiras possibilitam maior aproximação entre os cursos do centro de artes e a comunidade externa, e a criação de um ambiente social e cultural. Houve também efeitos subjetivos relevantes, como o fortalecimento da autoestima dos estudantes, em colocar seus trabalhos em exposição e buscar pela primeira vez a participar de uma feira artística.

4. CONSIDERAÇÕES

As feiras gráficas comprovam-se relevantes como espaços de arte, formação, circulação cultural e extensão universitária. A experiência atingiu os objetivos propostos ao incentivar a produção independente e valorizar o trabalho artístico estudantil.

Conclui-se que a feira extrapola o papel de comércio, constituindo-se como ambiente artístico, expositivo, de troca, de aprendizado e inserção social. Como perspectiva, considera-se a manutenção periódica do evento e a adhocracia universitária, para acesso às estruturas para a realização de um evento maior.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro. Paz e terra, 2013.

FERRARI, Méloidi. A produção contemporânea de arte impressa. Vinco-revista de estudos de edição. Belo Horizonte.2023.

SACCO, Helene. Hoje é dia de feira! Pelotas 30 de maio de 2025. Disponível em: Facebook. <https://www.facebook.com/share/p/1Gp4BKswQ8/> Acesso em: 28/08/2025.